

Cultura popular/tradicional e periférica

Quarto de Despejo: do diário ao flow

Maria Clara Gomes Tagliacoli

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa dedica-se à análise comparativa e sociológica entre duas narrativas fundamentais para a compreensão das dinâmicas de exclusão no Brasil: a obra literária *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, e a composição musical da artista londrinense CLÉO (2024). O surgimento deste interesse revela-se como um fio condutor que compõe uma trajetória marcada por subjetividades e ressignificações. Se em uma vivência interiorana a música era mediada por filtros normativos e sacros, a ruptura com essas práticas institucionais abriu caminho para uma escuta que se faz política. O objetivo não é a apresentação de resultados, mas o fomento de discussões sobre como a metáfora do "quarto de despejo" é reelaborada através do tempo nos modelos que compõem a vertente do rap dentro da cultura Hip-Hop.

2. DESENVOLVIMENTO

Para fundamentar esta análise, o trabalho transita entre a Sociologia e a Antropologia Cultural, utilizando o conceito de *escrevivência* (DUARTE; NUNES, 2020) para interpretar as obras. A problematização central reside na hipótese de que o rap nacional atua hoje como o herdeiro direto e a atualização constante da literatura marginal. Ao trazer CLÉO para o centro da análise, tensiona-se a ideia de que a miséria narrada em 1960 foi superada, observando como a *escrevivência* (DUARTE; NUNES, 2020) se transmuta em performance sonora para dar conta de

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

uma desigualdade que se sofisticou e permanece.

2.1 Escrivivência em livro

A obra de Carolina é tomada como um documento antropológico que tensiona as fronteiras simbólicas da cidade. O livro retrata a vida no Canindé como um laboratório social, onde a escrita diarística serviu como ferramenta de denúncia contra a invisibilidade da mulher negra favelada. Analisa-se aqui como a fome descrita por Carolina é um elemento estruturante que expõe as fissuras da modernidade brasileira.

Ao narrar o cotidiano a partir de dentro, a autora transforma o papel descartado em um espaço de agência, onde o ato de escrever é, em si, um gesto de insubordinação contra o destino de silenciamento imposto aos corpos periféricos. Esse testemunho visceral obriga o leitor a confrontar o "quarto de despejo" não como um acidente geográfico da metrópole, mas como um projeto político de exclusão que utiliza a precariedade como forma de controle social.

2.2 Escrivivência em flow

QUARTO DE DESPEJO

15 de julho de 1955

Uma mão que escrevia silêncio com grito

A burguesia leu: “é um caso perdido”

A favela leu disse: “é o que eu tenho vivido”

Eu também sou um caso perdido

Herdei a fome de procurar comida no lixo

Herdei a fome de procurar freestyle no escrito

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

Então leia as minha linhas como se você lesse um livro

Em mim não cabe ser o seu antagonismo

Eu mesma amassei o meu egocentrismo

Da fama e dinheiro não tenha imediatismo

Trate o rap como um prédio, no andar eu sou o quinto

Eu ardo mas não é aguardente, absinto

Me perdoem se tudo que eu vejo eu sinto

Me perdoem se tudo que eu vivi eu rimo

Eu decidi trocar o vitimismo pelo lirismo

Ainda que com o orgulho ferido

Não há outra opção, já estava decidido

Não sou a estrada, nem a ponte, eu sou o abismo

Então se jogue se quiser descobrir onde eu vivo

Se tratando de rap eu não brinco

Tentaram me prender mas eu quebrei o trinco

E na minha vingança sentiram o cola brinco

A meia noite me libertei vi o céu retinto

No retinto da noite eu pressinto o meu destino

No retinto da noite acompanhada no meu caminho

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

No retinto da noite 13:8 Coríntios

“O amor nunca falha” ecoa nos meus ouvidos

Um dia eu e meus traumas seremos absolvidos

Nessa cela a 22 anos temos convivido

Egocêntricos demais, se acham convencidos

Mas boas inspirações eles têm me servido

Sem psicoativos ou tratamentos paliativos

Uso rap 24/7 sem prescritivo

Invadindo corações em modo furtivo

A procura de loucuras no campo afetivo

Pra fechar o cadeado os últimos avisos:

Encontrar quem te olha com carinho é preciso

Não se pede perdão sem ter se arrependido

Não se escreve barras sem viver o imprevisto

“Levantei a 5 da manhã e fui carregar água”

Carolina Maria de Jesus, 1 de janeiro 1960

A lírica de CLÉO opera uma sofisticada reatualização das carências narradas por Carolina, reiterando a urgência da sobrevivência também no campo da disputa simbólica e intelectual. Ao rimar “Herdei a fome de procurar comida no lixo / Herdei a fome de procurar freestyle no escrito”, a artista evidencia que o motor da

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

resistência periférica, embora ainda marcado pela escassez estrutural, transmutou-se em uma necessidade imperativa de autoria e produção de sentido. Quando a rapper conclama o ouvinte a ler suas linhas “como se você lesse um livro”, ela não apenas reverencia a memória de Carolina Maria de Jesus, mas compreende o rap como memória coletiva e um documento social de igual estatura literária. Esse movimento discursivo rompe com a percepção hegemônica do “caso perdido”, legitimando o saber produzido nas margens como uma teoria crítica da sociedade brasileira contemporânea.

A rapper utiliza o *boom bap* e o *flow* como tecnologias sonoras de memória e insurgência. A análise foca em como a artista reivindica o direito à cidade e à subjetividade negra no presente, transformando o silenciamento histórico em denúncia rítmica e territorial. A insurgência manifesta-se na música também na recusa do lugar de passividade, declarando que decidiu “trocar o vitimismo pelo lirismo”.

Ao citar diretamente a rotina de Carolina ao final, a artista estabelece um contraste entre a cela do cotidiano exaustivo e a libertação pela rima, simbolizada no ato de “quebrar o trinco” e ver o “céu retinto”. Essa performance sonora atua como um tratamento “sem prescritivo” para os traumas herdados, onde o amor e o campo afetivo são evocados como ferramentas de cura em meio à necropolítica. Assim, a música deixa de ser uma abstração para tornar-se uma prática de reexistência, provando que, se a mão de Carolina “escrevia silêncio com grito”, a voz de Cleópatra ocupa as fissuras da cidade neoliberal para garantir que o “quarto de despejo” não seja mais um lugar de silenciamento, mas o ponto de partida para a descoberta de novas subjetividades.

3. CONCLUSÃO

A intertextualidade entre o diário de 1960 e a música de 2024 revela que o rap não

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

é um produto cultural isolado, mas herdeiro de uma tradição literária de resistência negra. A relação entre as obras sugere que, embora o suporte tenha mudado - do papel ao arquivo digital, as tensões sociais apontadas por Carolina permanecem estruturantes.

A interdependência dessas obras sugere que a produção cultural das margens atua como uma teoria crítica da sociedade, capaz de oferecer diagnósticos que a academia muitas vezes falha em capturar por meio de métodos tradicionais. Propõe-se, como ponto de discussão para este simpósio, a necessidade de as Ciências Sociais validarem essas narrativas não apenas como objetos de estudo, mas como fontes de saber teórico. A escrevivência sonora de CLÉO, ao ecoar o grito de Carolina, reafirma que a memória é uma ferramenta de disputa territorial e que o "céu retinto", horizonte de liberdade buscado por ambas, só se torna visível quando o silenciamento é substituído pela autoria plena.

REFERÊNCIAS

CLÉO. **Cleópatra - Quarto de Despejo** - prod. **Hosken Beatz**. YouTube, 27 set. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FWbRWCdY4qA>. Acesso em: 8 abr. 2026.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.